



## O BRINCAR NA HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL<sup>1</sup>

Luciane Gheller Veronese<sup>2</sup>. UNIJUI

A Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde desde a sua implantação vem traduzindo e construindo uma nova concepção de cuidados (e cultura) sanitários, principalmente no âmbito hospitalar. Ao largo do tempo a hospitalização infantil foi marcada pelo não brincar, efeito de um discurso cunhado na racionalidade positiva como parâmetro ético-cultural, com reflexos nas práticas sanitárias. Decorrente desse discurso destaca-se a posição das crianças em hospitais, a qual, em inúmeras situações, pode-se reconhecer como a de um mini-adulto, um “não ser”, um *infans*. Esse “tratamento” significa o não reconhecimento da infância e de suas especificidades. A presente investigação estuda traços da cultura organizacional na hospitalização infantil em dois hospitais regionais do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, através da descrição e análise dados obtidos pelos indicadores ambientais simbólicos (estruturais, decorativos e funcionais); de duração e ocupação do tempo na hospitalização infantil referido à temática do brincar. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, à luz da abordagem qualitativa, realizado em duas partes: a primeira delinea as configurações da política sanitária brasileira e a segunda discorre sobre os dados empíricos levantados a partir de observações e entrevistas semi-estruturadas acerca do brincar na hospitalização infantil. A população considerada foi composta pelos trabalhadores, pais e pacientes pediátricos ingressados nos hospitais, durante o período de trinta dias. Concluiu-se que o êxito na humanização sanitária passa, não apenas por iniciativas isoladas, mas por uma **mudança na cultura organizacional dos hospitais**. Por exemplo, a simples disposição de espaço físico destinado ao lúdico e brinquedos disponíveis não basta para reverter uma história de hospital como espaço avesso ao brincar. Porém, o presente estudo também permitiu observar que mesmo em situações adversas, com limitações decorrentes da patologia ou dos procedimentos aos quais se submeteu, com poucos recursos materiais, pedagógicos etc, em um lugar onde prevalece o silêncio, as crianças brincam, pois o brincar está inserido no seu cotidiano como linguagem. Entendê-lo desse modo, implica tomá-lo em uma concepção mais radical, porque amplia seu significado para além de ser um “meio de” ou um “instrumento para alguma coisa”, mas uma concepção estruturante da própria condição infantil. Levando-se em conta que a cultura não é estática, mas um processo em constante metamorfose, deduz-se que a concepção hospitalar-asséptica, representada na redoma de vidro como metáfora do engessamento das crianças hospitalizadas, está cedendo a outra que se esboça, perceptível nos estatutos legais e nos discursos dos informantes desta pesquisa, ou seja, uma nova lógica, a de um ambiente humanizado, hospita(lar).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para a obtenção do *Diploma de Estudos Avançados* do Programa de “Doctorado en Psicología Social y Antropología de las Organizaciones”, junto à Universidade de Salamanca, Espanha, produzido sob orientação da Dra. Ana Maria Ullán de la Fuente.

<sup>2</sup> Professora Mestre do DFP da UNIJUI.